

O mestre ladrão

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Um dia, um velho e sua mulher estavam sentados diante de uma casa pobre e queriam descansar um pouco do trabalho. De repente chegou uma magnífica carruagem puxada por quatro cavalos negros, da qual desceu um senhor ricamente vestido. O camponês se levantou, aproximou-se e perguntou o que ele desejava e em que poderia servi-lo. O desconhecido estendeu a mão ao velho e disse:

— Não desejo nada além de saborear uma vez uma comida do campo. Preparem-me batatas como costumam comê-las; então me sentarei à sua mesa e as comerei com alegria.

O camponês sorriu e disse:

— O senhor é conde, príncipe ou até duque; os senhores nobres às vezes têm desses desejos. Mas seu desejo será atendido.

A mulher foi à cozinha e começou a lavar e ralar batatas, para fazer bolinhos como os camponeses comem. Enquanto ela trabalhava, o camponês disse ao desconhecido:

— Enquanto isso, venha comigo à horta de casa, onde ainda tenho alguma coisa para fazer.

Na horta, cavara buracos e agora queria plantar árvores.

— Não tem filhos — perguntou o desconhecido — que possam ajudá-lo no trabalho?

— Não — respondeu o camponês. — É verdade que tive um filho — acrescentou —, mas ele já partiu para o vasto mundo há muito tempo. Era um rapaz malcriado, esperto e manhoso, mas não queria aprender nada e só fazia más travessuras; por fim fugiu de mim, e desde então não tive mais notícias dele.

O velho pegou uma arvorezinha, pôs no buraco e fincou uma estaca ao lado; depois de encher o buraco de terra e apertá-la com os pés, amarrou firmemente o tronco à estaca com uma corda de palha, embaixo, em cima e no meio.

— Mas diga-me — falou o senhor —, por que não amarra também a uma estaca aquela árvore torta e nodosa que está ali no canto, curvada quase até o chão, como faz com esta, para que cresça direita?

O velho sorriu e disse:

— Senhor, fala conforme entende; bem se vê que nunca cuidou de jardinagem. Aquela árvore é velha e retorcida, ninguém mais pode endireitá-la; é preciso guiar as árvores enquanto são novas.

— É como seu filho — disse o desconhecido. — Se o tivesse educado enquanto era novo, ele não teria fugido; agora também deve ter ficado duro e nodoso.

— É verdade — respondeu o velho. — Já faz muito tempo que partiu; deve ter mudado.

— Ainda o reconheceria se aparecesse diante do senhor? — perguntou o desconhecido.

— Pelo rosto, dificilmente — respondeu o camponês —, mas tem um sinal, uma marca de nascença no ombro que parece um feijão.

Assim que disse isso, o desconhecido tirou o casaco, descobriu o ombro e mostrou ao camponês o feijão.

— Meu Deus! — exclamou o velho. — Você é mesmo meu filho!

E o amor pelo filho despertou em seu coração.

— Mas — acrescentou — como pode ser meu filho? Tornou-se um grande senhor e vive na riqueza e na abundância! Por que caminho chegou a isso?

— Ah, pai — respondeu o filho —, a árvore nova não estava amarrada a uma estaca e cresceu torta; agora está velha demais, não voltará a ser direita. Como consegui tudo isso? Tornei-me ladrão. Mas não se assuste: sou um mestre ladrão. Para mim não há fechadura nem ferrolho; o que desejo é meu. Não pense que roubo como um ladrão comum: só tomo da abundância dos ricos. Os pobres estão seguros; prefiro dar-lhes a tirar-lhes alguma coisa. E também não toco naquilo que posso obter sem esforço, astúcia e destreza.

— Ah, meu filho — disse o pai —, mesmo assim não gosto disso; ladrão é sempre ladrão. Eu lhe digo: isso não acabará bem.

Levou-o até a mãe; quando ela soube que era seu filho, chorou de alegria, mas, quando ele lhe disse que se tornara um mestre ladrão, duas torrentes lhe correram pelo rosto. Por fim disse:

— Embora tenha se tornado ladrão, ainda é meu filho, e meus olhos o viram mais uma vez.

Sentaram-se à mesa, e ele tornou a comer com os pais a comida simples que não comia havia muito tempo. O pai disse:

— Se nosso senhor, o conde ali do castelo, souber quem você é e o que faz, não o tomará nos braços para embalá-lo, como fez quando o segurou junto à pia batismal; mandará balançá-lo na corda da forca.

— Não se preocupe, meu pai, ele não me fará mal, pois conheço meu ofício. Ainda hoje irei pessoalmente procurá-lo.

Quando se aproximou a noite, o mestre ladrão entrou em sua carruagem e foi ao castelo. O conde o recebeu com cortesia, pois o julgava um homem nobre. Mas, quando o desconhecido se deu a conhecer, empalideceu e ficou algum tempo calado. Por fim disse:

— Você é meu afilhado; por isso farei a graça prevalecer sobre a justiça e serei indulgente. Como se gaba de ser um mestre ladrão, vou pôr sua arte à prova; mas, se não passar, terá de se casar com a filha do cordoeiro, e o grasnar dos corvos será a música da festa.

— Senhor conde — respondeu o mestre —, imagine três façanhas, tão difíceis quanto quiser; se eu não resolver sua tarefa, faça comigo o que lhe agradar.

O conde pensou por alguns instantes e disse:

— Pois bem: primeiro deve roubar meu cavalo de montaria da estrebaria; segundo, deve tirar debaixo de mim e de minha esposa, quando estivermos dormindo, o lençol, sem que percebamos, e ainda tirar do dedo dela a aliança;

terceiro e último, deve roubar da igreja o pároco e o sacristão. Lembre-se bem de tudo, pois seu pescoço está em jogo.

O mestre foi à cidade mais próxima. Ali comprou as roupas de uma velha camponesa e as vestiu. Depois pintou o rosto de marrom e desenhou rugas nele, de modo que ninguém o reconheceria. Por fim encheu um barrilzinho de vinho húngaro envelhecido, no qual misturara uma forte poção de dormir. Colocou o barrilzinho num cesto de carregar às costas e, levando-o nas costas, foi ao castelo do conde com passos lentos e vacilantes. Já estava escuro quando chegou; sentou-se numa pedra no pátio e começou a tossir como uma velha doente do peito, esfregando as mãos como se tivesse frio. Diante da porta da estrebaria, soldados estavam deitados ao redor de uma fogueira; um deles viu a mulher e a chamou:

— Chegue mais perto, mãezinha, e aqueça-se conosco. Você não tem pouso e aceita onde encontra.

A velha se aproximou a passinhos, pediu que lhe tirassem o cesto das costas e sentou-se junto deles ao fogo.

— O que tem nesse barrilzinho, sua velha caquética? — perguntou um deles.

— Um bom gole de vinho — respondeu ela. — Vivo desse comércio; por dinheiro e boas palavras, dou-lhes de bom grado um copo.

— Pois traga! — disse o soldado.

Depois de provar um copo, exclamou:

— Quando o vinho é bom, prefiro beber mais um copo!

Pediu que lhe servissem outra vez, e os demais seguiram seu exemplo.

— Ei, camaradas! — gritou um aos que estavam dentro da estrebaria. — Aqui há uma velhinha com um vinho tão velho quanto ela; tomem um gole também, aquece o estômago ainda melhor que nosso fogo!

A velha levou o barrilzinho para a estrebaria. Um soldado estava sentado no cavalo de montaria já selado, outro segurava a rédea na mão, um terceiro agarrava a cauda. Ela serviu tanto quanto pediam, até a fonte secar. Não demorou para que a rédea caísse da mão de um deles; ele tombou e começou a roncar. O outro soltou a cauda, deitou-se e roncou ainda mais alto. O que estava na sela continuou sentado, mas curvou a cabeça quase até o pescoço do cavalo, dormia e soprava pela boca como um fole de ferreiro. Os soldados lá fora já haviam adormecido havia muito; estavam no chão, imóveis como se fossem de pedra. Quando o mestre ladrão viu que tivera êxito, pôs uma corda na mão do primeiro, no lugar da rédea, e um feixe de palha na do outro, que segurara a cauda. Mas o que fazer com aquele que estava sobre o cavalo? Não queria jogá-lo no chão, pois poderia acordar e gritar. Teve uma boa ideia: soltou a cilha, prendeu à sela algumas cordas que pendiam de argolas na parede e ergueu o cavaleiro adormecido com a sela; depois enrolou as cordas num poste e as amarrou bem. Logo soltou o cavalo da corrente, mas, se cavalgasse sobre as pedras do pátio, ouviriam o barulho no castelo. Por isso, primeiro lhe envolveu os cascos em trapos velhos, conduziu-o para fora com cuidado, montou e disparou.

Quando amanheceu, o mestre foi a galope ao castelo no cavalo roubado. O conde acabava de se levantar e olhava pela janela.

— Bom dia, senhor conde! — gritou ele. — Aqui está o cavalo que consegui tirar da estrebaria. Veja como seus soldados estão bem deitados, dormindo; se quiser ir à estrebaria, verá como seus guardas se acomodaram!

O conde teve de rir; depois disse:

— Uma vez você conseguiu, mas a segunda não correrá tão bem. E eu o aviso: se o encontrar como ladrão, também o tratarei como ladrão.

Quando a condessa se deitou à noite, fechou firmemente a mão em que tinha a aliança, e o conde disse:

— Todas as portas estão fechadas e trancadas; ficarei acordado esperando o ladrão. Mas, se entrar pela janela, vou derrubá-lo com um tiro.

O mestre ladrão, porém, saiu na escuridão até a forca, cortou a corda de um pobre condenado que estava pendurado ali e o levou nas costas ao castelo. Ali encostou uma escada no quarto de dormir, pôs o morto sobre os ombros e começou a subir. Quando chegou à altura em que a cabeça do morto apareceu à janela, o conde, que espreitava da cama, disparou uma pistola contra ele; imediatamente o mestre deixou o condenado cair, saltou da escada e se escondeu num canto. A lua iluminava a noite o suficiente para que o mestre visse claramente o conde sair pela janela para a escada, descer e carregar o morto para o jardim. Ali começou a cavar um buraco onde o deitaria. “Agora”, pensou o ladrão, “chegou o momento favorável.” Saiu com agilidade de seu canto e subiu a escada, direto para o quarto da condessa.

— Querida esposa — começou, imitando a voz do conde —, o ladrão está morto, mas, afinal, é meu afilhado e foi mais um patife que um malfeitor; não quero entregá-lo à vergonha pública; também tenho pena dos pobres pais. Quero enterrá-lo eu mesmo no jardim antes de amanhecer, para que o caso não se espalhe. Dê-me também o lençol, para que eu envolva o corpo e não o enterre como um cachorro.

A condessa lhe deu o lençol.

— Sabe de uma coisa? — continuou o ladrão. — Estou tendo um impulso de generosidade; dê-me também o anel. O infeliz arriscou a vida, que o leve para a sepultura.

Ela não queria contrariar o conde e, embora a contragosto, tirou o anel do dedo e o entregou. O ladrão foi embora com as duas coisas e chegou a salvo em casa antes que o conde terminasse seu trabalho de coveiro no jardim.

Que cara comprida fez o conde quando, na manhã seguinte, o mestre veio e lhe trouxe o lençol e o anel!

— Você sabe fazer feitiçaria? — perguntou. — Quem o tirou da sepultura em que eu mesmo o deitei e o fez viver de novo?

— Não foi a mim que enterrou — disse o ladrão —, mas ao pobre condenado da forca.

E contou em detalhes o que acontecera; o conde teve de reconhecer que ele era um ladrão inteligente e astuto.

— Mas ainda não terminou — acrescentou. — Falta resolver a terceira tarefa; se não conseguir, tudo o mais não lhe valerá nada.

O mestre sorriu e nada respondeu.

Quando anoiteceu, foi à igreja da aldeia com um saco comprido nas costas, um embrulho debaixo do braço e uma lanterna na mão. No saco havia lagostins; no embrulho, velinhas curtas de cera. Sentou-se no cemitério, tirou um lagostim e colocou-lhe uma velinha nas costas; depois acendeu a velinha, pôs o lagostim no chão e o deixou rastejar. Tirou um segundo do saco, fez o mesmo e continuou até tirar o último. Então vestiu uma longa roupa preta que parecia um hábito de monge e colocou uma barba grisalha no queixo.

Quando ficou inteiramente irreconhecível, pegou o saco onde estavam os lagostins, entrou na igreja e subiu ao púlpito. O relógio da torre acabava de bater doze; quando a última badalada cessou, gritou com voz alta e estridente:

— Ouçam, homens pecadores! Chegou o fim de todas as coisas, o Juízo Final está próximo! Ouçam, ouçam! Quem quiser ir comigo ao céu, entre rastejando no saco. Sou Pedro, que abre e fecha a porta do céu. Estão vendo lá fora, no cemitério, os mortos que caminham e juntam seus ossos? Venham, venham, entrem no saco, o mundo vai acabar!

A gritaria ressoou pela aldeia inteira. O pároco e o sacristão, que moravam mais perto da igreja, foram os primeiros a ouvi-la; quando viram as luzes que passeavam pelo cemitério, perceberam que acontecia algo fora do comum e entraram na igreja. Ouviram o sermão por algum tempo; então o sacristão cutucou o pároco e disse:

— Não seria mau aproveitar a oportunidade e chegar juntos ao céu, de modo fácil, antes de começar o Juízo Final.

— É verdade — respondeu o pároco. — Também era isso que eu pensava; se tem vontade, vamos nos pôr a caminho.

— Sim — respondeu o sacristão —, mas o senhor pároco tem a precedência; eu o sigo.

O pároco foi à frente e subiu ao púlpito, onde o mestre abriu o saco. Primeiro o pároco entrou rastejando, depois o sacristão. O mestre logo amarrou bem o saco, agarrou-o pela parte estufada e o arrastou escada abaixo, do púlpito; cada vez que a cabeça dos dois tolos batia nos degraus, gritava:

— Agora já estamos atravessando as montanhas!

Depois os arrastou da mesma maneira pela aldeia; quando passavam pelas poças, gritava:

— Agora já estamos atravessando as nuvens molhadas!

Por fim, quando os arrastou escada acima no castelo, gritou:

— Agora estamos na escada do céu e logo estaremos no átrio!

Ao chegar lá em cima, empurrou o saco para dentro do pombal e, quando os pombos esvoaçaram, disse:

— Estão ouvindo como os anjos se alegram e batem as asas?

Então correu o ferrolho e foi embora.

Na manhã seguinte, foi à casa do conde e lhe disse que também resolvera a terceira tarefa e levou o pároco e o sacristão da igreja.

— Onde os deixou? — perguntou o senhor.

— Estão num saco, lá em cima no pombal, imaginando que estão no céu.

O próprio conde subiu e verificou que ele dissera a verdade. Depois de libertar o pároco e o sacristão da prisão, disse:

— Você é um ladrão consumado e venceu a disputa. Desta vez sai com a pele intacta; mas trate de sair de minhas terras, pois, se tornar a ser encontrado nelas, pode contar com sua elevação à força.

O ladrão consumado despediu-se dos pais, tornou a partir para o vasto mundo, e ninguém mais teve notícias dele.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-mestre-ladrao>